

AUTORES

Karinne Regis Duarte*

karinneregis@yahoo.com.br

Luciana Kind do Nascimento**

lukind@gmail.com

Lupicinio Íñiguez-Rueda***

lupicinio.iniguez@uab.cat

* Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG, Brasil).

** Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

*** Catedrático de Psicologia Social da Universidad Autónoma de Barcelona (UAB, Espanha).

O dispositivo de violência nos discursos de ódio em torno das manifestações brasileiras

El dispositivo de violencia en los discursos de odio en torno a las manifestaciones brasileñas

Violence device in hate speeches concerning Brazilian demonstrations

RESUMO

A proposta deste trabalho é descrever o dispositivo da violência através da análise dos discursos de ódio produzidos e proliferados em torno das manifestações ocorridas entre os anos de 2013 e 2016 no Brasil, apresentando como método a cartografia. O material de análise são recortes jornalísticos de duas impressas brasileiras sobre as manifestações e comentários de reportagem por leitores. A aposta é a de que o texto potencialize outras leituras sobre a violência, sobre o cenário político-econômico brasileiro e sobre a emergência dos discursos de ódio, neste contexto.

RESUMEN

La propuesta de este trabajo es la de describir el dispositivo de la violencia, a través del análisis de los discursos de odio producidos en torno a las manifestaciones ocurridas entre los años 2013 y 2016 en Brasil, presentando como método la cartografía. El material de análisis son recortes periodísticos de dos diarios brasileños sobre las manifestaciones y comentarios del reportaje por los lectores. La apuesta es que el texto potencie otras lecturas sobre la violencia, sobre el escenario político-económico brasileño y sobre la emergencia de los discursos de odio, en este contexto.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to describe the mechanism of violence, through the analysis of the hate speech produced and proliferated around the demonstrations that occurred between the years of 2013 and 2016 in Brazil, presenting cartography as a method. The material of analysis are newspaper clippings of two Brazilian presses on the demonstrations and comments from readers. The bet is that the text will encourage other readings about violence, the Brazilian political-economic scenario and the emergence of hate speech in this context.

1. Introdução

O objetivo geral deste trabalho é apresentar ao leitor o que vislumbramos como dispositivo da violência. Acreditamos que a noção de dispositivo, como proposta por Michel Foucault, é chave analítica central para as análises sobre a violência, na contemporaneidade. Para cumprirmos esta tarefa, procuramos descrever o funcionamento de um dispositivo da violência, a partir dos discursos de ódio que passaram a circular na atualidade, no cenário das manifestações brasileiras ocorridas entre os anos de 2013 e 2016.

Para a análise dos discursos de ódio, elegemos trechos de reportagens divulgadas por duas das maiores imprensas nacionais: o G1 da *Globo* e o *Uol Notícias* sobre as manifestações dos anos de 2013 a 2016, seguindo uma cronologia histórica dos acontecimentos. Sobre as manifestações de 2016, escolhemos comentários dos leitores de uma das matérias que divulga as manifestações ocorridas naquele ano, especificados na seção dedicada à metodologia e material de análise.

Para Duarte (2016), no campo dos estudos sobre a violência, observamos uma tendência a leituras pendulares que oscilam, em grande parte, entre tipos de perfil do agressor e de trajetória de experiências contínuas de violência (o conhecido ciclo da violência), passando por algumas discussões sobre fragilização dos laços sociais e a exclusão. Imbricada nas relações de poder, a violência se enraíza no conjunto da rede social, inventando formas de existir. No caso das manifestações brasileiras, os discursos de ódio proliferados fabricam formas de ser brasileiro, modelam maneiras de se manifestar e de se relacionar, nestes espaços. A investigação parte do pressuposto de que não há uma violência determinada *a priori*, mas de uma heterogeneidade de elementos, discursos, instituições, leis, territorialidades, o dito e o não dito, que compõem a rede de um dispositivo da violência e que se relacionam na produção de saberes e de subjetividades.

Acreditamos que a ideia de um dispositivo da violência chacoalha leituras de causa-e-efeito que ora priorizam as macroestruturas condicionantes da produção da violência (fatores como desigualdade social, desestruturação familiar, desemprego, situações onde a violência seria uma forma de enfrentamento dessas realidades), ora se centralizam no sujeito, único objeto de interpretações e intervenções (fatores como traços de personalidade e história de vida do sujeito e suas formas de tratamento). Esperamos que este trabalho contribua não apenas para os estudos no campo da violência, mas também como uma tentativa de se compreender a emergência dos discursos de ódio, e não de outros em seu lugar, no atual cenário político-brasileiro.

Entre os elementos que compõem e que configuram o dispositivo, há um tipo de jogo das relações de força que, como aponta Foucault (1979, p. 246) "(...) estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles." De natureza essencialmente estratégica e inscrito em um jogo de poder, o dispositivo é atravessado por uma multilinearidade de vetores, de forças, de curvas. É no entrecruzamento das linhas de visibilidade, de dizibilidade, de forças e de subjetivação que vamos nos instalar (Deleuze, 1990).

Entendemos como discursos de ódio os discursos cujos conteúdos manifestam quaisquer formas de discriminação, preconceito e criminalização, social, econômica, política, cultural, de gênero, de orientação sexual, de etnia, de raça, de religião, produzindo estereótipos, incitando práticas xenofóbicas e de violência e/ou justificando o ódio e a intolerância. O dispositivo é ele próprio discursivo e não discursivo. Portanto, o discurso não paira sobre o dispositivo, é imanente a ele; não há dispositivo fora do discurso e essa conexão sustenta, portanto, o fazer metodológico da pesquisa. Descrever um dispositivo exige, segundo Sargentini (2016, p. 31), "desnaturalizar o que está assentado na história, fazendo emergir o acontecimento. Não o acontecimento que está

PALAVRAS-CHAVE

Dispositivo;
discursos de ódio;
manifestações

PALABRAS CLAVE

Dispositivo;
discursos de odio;
manifestaciones

KEYWORDS

Device; hate
speech;
demonstrations

Recibido:
08.10.2017

Aceptado:
14.02.2018

incrustado na história tradicional, mas aquele que está em seu processo de acontecimentalização”.

Trata-se, como afirma Foucault “(...) de apreender o movimento pelo qual se constituía através dessas tecnologias movediças um campo de verdade com os objetos do saber” (2008, p. 159). É localizar a violência no domínio do saber dos campos, inscrita em jogos de poder-saber-verdade passando por fora da análise das instituições para inseri-la no domínio externo das tecnologias e das táticas de poder.

2. Contexto das manifestações

O ano de 2013, no país, foi marcado por várias manifestações que deram visibilidade a novos elementos para se pensar a atual conjuntura nacional. O ápice das manifestações ocorreu no mês de junho, onde milhões de pessoas tomaram as ruas em várias capitais e no interior. Iniciados pelo MPL¹, os protestos que tinham como pauta a luta contra o aumento das tarifas de ônibus e do metrô, na cidade de São Paulo, ganharam força e ampliaram suas reivindicações, Brasil afora. Alguns de seus efeitos foram a) o desencadeamento de vários protestos descentrados da cidade de São Paulo; b) a emergência de outros discursos de mudança e melhorias, c) o aparecimento de novos atores, neste cenário e, d) novas formas de mobilização e articulação dos movimentos, a seguir.

As chamadas “jornadas de junho” trouxeram novos elementos à cena brasileira. Como aponta Souza, “as manifestações de junho de 2013 marcam o ponto de virada da hegemonia ideológica até então dominante e das altas taxas de aprovação aos presidentes petistas” (2016, p. 87). A partir de protestos locais com uma pauta bem definida, a luta contra o reajuste no preço das passagens do transporte público, desencadeia-se um movimento que se federalizou em todo país, levando para as ruas manifestantes de diversos segmentos da sociedade. Tal acontecimento possibilita a visibilidade de outros discursos sobre a realidade do país. Política e economia não são mais assuntos exclusivos de especialistas, da grande mídia, de políticos ou de órgãos do governo, mas de parte da população que pede por mudanças e melhores condições de vida.

Assim, no movimento de construção discursiva nas/pelas manifestações, várias são as posições de sujeito que, embora inscritos em uma multiplicidade heterogênea de outros dispositivos, conectam-se entre si e produzem saberes sobre esse acontecimento. Nesse jogo de forças, as vontades de verdade deslizam entre a grande mídia nacional, as redes sociotécnicas, as instituições políticas, os manifestantes, os especialistas, por exemplo. Sobre as manifestações de junho de 2013 e as dos meses seguintes, Teles afirma que “(...) para os novos atores de rua das principais cidades brasileiras, a necessidade de consolidação de uma estrutura política elitizante entre em choque com a possibilidade de práticas livres” (2014, p. 190).

Após a revogação do reajuste da tarifa pelo governo de SP, como efeito das manifestações, e do MPL declarar que não convocaria mais manifestações, as manifestações que se seguem até o final de junho de 2013 ganham outros contornos, em todas as partes do país.

Se antes, as manifestações eram noticiadas pela grande mídia como protestos de um grupo, provocando ‘vandalismo’ pela cidade, as manifestações que se seguem são vistas como um movimento pacífico a favor da democracia brasileira. O Gigante acordou! O país, personificado na figura do Gigante, com suas dimensões continentais se desperta para a vida e para a realidade cotidiana que se vive. O Gigante-Nação, “Gigante pela própria natureza”, está vigilante para os problemas e as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia, como o desemprego, a violência e a inflação, e vai para as ruas para reivindicar a reorganização do espaço e de suas relações.

As expressões #vempraru e #ogiganteacordou, cuja construção ortográfica é muito comum nas redes sociotécnicas, foram massivamente divulgadas, convocando os brasileiros a saírem dos seus espaços habituais e a tomarem as ruas como forma de protesto. A ‘convocatória online’ foi a estratégia mais utilizada para mobilizar e organizar as manifestações, abrindo espaço para uma diversidade de discursos. Vejamos. As insatisfações variavam desde “Tem tanta coisa errada que não cabe nesse cartaz” “Enfia os 20 centavos no SUS” “Contra a realização da Copa do Mundo no Brasil” “10% do PIB para a Educação, já!” até protestos

contra a manipulação da imprensa nacional, contra a corrupção e contra a PEC 37², embora essas últimas pautas estivessem presentes nas manifestações do MPL, não encontraram ressonância, naquele momento.

Com a forte presença de movimentos que se nomeavam apartidários e a favor do Brasil, as ruas brasileiras ganham um colorido verde-amarelo, com manifestantes vestidos com a camisa da seleção brasileira de futebol, com bandeiras do Brasil, com rostos pintados e cantando o Hino Nacional. Baladeli, afirma “que além de criticarem o oportunismo de alguns representantes de partidos políticos junto à massa mobilizada nas ruas, reivindicaram o fim da corrupção e o julgamento do caso Mensalão” (2013, p. 145). Um dos pontos de chegada desses movimentos será a insatisfação e a crítica feroz às instituições políticas.

Novas subjetividades são fabricadas sobre o manifestante: de manifestante-vândalo/manifestante-baderneiro/manifestante-violento/manifestante-criminoso à manifestante-cidadão cujo país se orgulha em ter. Os efeitos das manifestações também são repaginados: de rastros de destruição à ideia de “calçadas” pacíficos e ordeiros, que não se destoam da dinâmica das comunidades, ou seja, que se incorporam ao cotidiano das pessoas e à arquitetura das cidades.

A massiva divulgação de uma suposta crise econômica, da queda de popularidade da presidenta Dilma Rousseff, do aumento da taxa de inflação, do desemprego são discursos que vão se consolidando para justificar os problemas enfrentados e o fracasso do governo na gestão da vida das pessoas. Tais discursos marcarão as manifestações ocorridas em 2014, ano eleitoral e de realização da Copa do Mundo, no país. A campanha eleitoral aprofunda a polarização entre apoiadores e opositores do governo, representados respectivamente pelos candidatos Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT) e Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). A pauta mais discutida ao longo da campanha dos presidencialistas foi a corrupção, através da Operação Lava Jato, e denúncias de envolvimento de políticos dos dois partidos, no escândalo. O medo de uma possível reeleição de Dilma ou da vitória de Aécio produz inseguranças e incertezas entre a população. Intensificam-se os discursos

de ódio contra o “petralha” e contra o “coxinha”, figuras fabricadas segundo suas orientações político-partidárias, como pudemos observar nos discursos das manifestações, nas ruas³. Tais figuras constituirão o terreno sobre o qual e contra o qual se deverá agir. Não se trata apenas de censurar os eleitores, de confrontá-los em manifestações nas ruas e na internet, mas, de se construir mecanismos que materializem as ameaças para o povo brasileiro, no caso da vitória de cada um dos candidatos.

O PT e o PSDB e seus defensores tornam-se objeto de análise e, ao mesmo tempo, alvo de intervenção. Sobre os perigos da vitória de Dilma, os discursos produzidos pela grande mídia exploravam desde a estreiteza de relações entre Brasil e países que se declaram de esquerda, como Venezuela e Bolívia, vista como um perigo à democracia, a manutenção dos programas sociais criados pelo governo do PT, como o Bolsa Família, que apenas incentivavam o desemprego, até a desvalorização da meritocracia da classe média e média-alta, como as políticas de cotas e de financiamento de estudos nas universidades destinadas às minorias sociais que seriam as únicas “privilegiadas”. Sobre esse assunto, Brugnago e Chaia esclarecem que:

O capitalista não se sente mais explorando os pobres; ele é um trabalhador que construiu o seu patrimônio. (...) A classe branca se coloca em lugar de minoria. O PT lhe explora; os gays vão corromper a sua família; os índios vão ficar com suas terras; os negros vão roubar suas vagas na faculdade; estudantes pobres do REUNI vão estudar de graça com o seu dinheiro; os cubanos vão roubar suas vagas de médicos; os pobres vão ficar com os impostos que eles trabalharam tanto para pagar; o Estado não vai lhes dar segurança, pois para isso teria que prender pobres votantes (Brugnago & Chaia, 2015, pp. 116-117)

Com a vitória de Dilma Rousseff, no segundo turno, os discursos de ódio contra a esquerda se intensificam. Cada época, para Foucault, produz seus próprios objetos a partir de determinadas vontades de verdade e de suas articulações com estratégias de poder e de práticas de si. Essas três dimensões formam acontecimentos singulares constituídos e constitutivos de nós mesmos e de nossa atualidade.

A insatisfação dos apoiadores do PSDB com o resultado nas urnas provocou protestos por vários dias após as eleições. O ódio e a frustração de parte da população que se sentia “traída” pelo PT puderam ser sentidos nas manifestações de 2015 que gritavam “Fora Dilma” e a ingerência petista é fortemente declarada, desdobrando-se, em 2016, no processo de impedimento da presidente.

3. Metodologia e material de análise

A proposta é a de analisar os discursos de ódio a partir de sua descrição cartográfica, partindo dos trabalhos de Deleuze (1990) sobre Foucault e sobre o próprio Foucault. Pensando na noção de dispositivo como o entrelaçamento de práticas de saber, poder e de subjetivação, Deleuze (1990) associa esta noção à ideia de um novelo, composto por uma multiplicidade de linhas de naturezas distintas que o atravessam em todos os sentidos e em diagonal. Neste percurso, as formas que vão ganhando contornos nunca são definitivas ou estáveis, pois, se há linhas de sedimentação, que podem estratificar um dispositivo, há linhas de fuga que, ao se quebrarem, produzem variações de direções ou, bifurcam-se, engendrando derivações que possibilitam transformações.

É pela materialidade desses discursos que, neste trabalho, se cartografa a existência de um dispositivo da violência, num jogo complexo de redes e de elementos discursivos e não discursivos que constituem saberes sobre o cenário político-econômico brasileiro e sobre os manifestantes, nas ruas. A governamentalidade desse sujeito que se manifesta perpassa as instituições midiática, político-partidária, jurídico-policial que, ora concorrem, ora se articulam na constituição de saberes sobre as manifestações e sobre os manifestantes.

As linhas, segundo Deleuze (1990) são vetores ou tensores que se mesclam e se entrecruzam, operando em um devir. Neste emaranhado, as instâncias de análise privilegiadas por Foucault, Saber, Poder e Subjetividade, não são homogêneas, nem possuem contornos definidos, mas consistem em cadeias de variáveis que se desdobram umas em

relação a outras. Um dispositivo é “uma máquina de fazer ver e fazer falar”, que comporta quatro tipos de linhas: de visibilidade, de enunciação, de força e de subjetivação.

Para Deleuze (1990, p. 1) um dispositivo é “antes de mais uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente.” Para esse autor, em cada época, há maneiras de sentir, de perceber e de dizer que conformam regiões de visibilidade e campos de enunciação. Um dispositivo comporta, também, linhas de força, que atravessam todos os pontos do dispositivo e nos coloca *em meio* a elas o tempo todo. Aqui, se destaca a dimensão do saber-poder proposta por Foucault cujas linhas, segundo Deleuze (1990), levam as palavras e as coisas à luta incessante por sua afirmação.

Um dispositivo também é composto por linhas de subjetivação, ou seja, linhas que inventam formas de existir já que “é necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos (e que não seremos mais) e aquilo que somos em devir: *a parte da história e a parte do atual*” (Deleuze, 1990, p. 3).

Como nos apontam Filho e Teti “(...) não se trata aqui de metodologia como conjunto de regras e procedimentos preestabelecidos, mas como estratégia flexível de análise crítica” (2013, p. 46). O acontecimento discursivo, as manifestações brasileiras, é pensado como o surgimento de diversos enunciados que se inter-relacionam, produzindo efeitos de sentido, em seu tempo-espaço.

O material de análise é composto por trechos de reportagens sobre as manifestações brasileiras entre os anos de 2013 a 2016, publicadas pelos dois maiores grupos midiáticos do país, G1 da *Globo* e *Uol Notícias*. Cientes da variedade de critérios de noticiabilidade e de teorias sobre o processo de construção da notícia, optamos por selecionar duas mídias que oferecem grandes abrangências de circulação (*online*, impressa e televisiva), e pelo alto índice de público-leitor.

A escolha por essas duas imprensas se justifica pelo fato de serem as duas maiores referências jornalísticas do país. Segundo dados do IBOPE Online, o UOL é o maior portal em atividade do

Brasil, com mais de 50 milhões de visitantes por mês, e o quinto site mais visitado no país, atrás apenas do Google Brasil, Google EUA, YouTube e Facebook. O G1 da *Globo* faz parte de um dos maiores grupos midiáticos nacionais, e conta com uma rede de cobertura que abrange todos os estados brasileiros, além da maior audiência televisiva do país.

Para a seleção da reportagem sobre a semana de manifestações contra o aumento das passagens do transporte público, em São Paulo, utilizamos como critério o grau de conteúdo violento que a manchete veicula. As palavras-chave utilizadas foram *mpl*, manifestações, 2013. A seleção das reportagens de 2014 e 2015 seguiram o critério do discurso de ódio veiculado pela manchete, utilizando como palavras-chaves para as buscas: discursos de ódio, manifestações, 2014, 2015.

Tendo, ainda, como critério de seleção os discursos de ódio, selecionamos os comentários de uma das reportagens que divulgaram as manifestações a favor do governo de Dilma Rousseff, em 2016, no país. A pesquisa pelas reportagens foi feita *online*, no sítio de busca disponível em cada veículo de comunicação.

4. Da análise

PROTESTO CONTRA TARIFA TEM CONFRONTO DEPREDAÇÕES E PRESOS EM SP

11/06/2013 23h12 – Atualizado em 14/06/2013 00h06⁴

‘Caso de polícia’ Alckmin criticou os recentes protestos durante entrevista na manhã desta terça à Rádio França Internacional (RFI), em Paris, onde defende a candidatura de São Paulo para a Expo 2020. Ele afirmou que interromper o trânsito em vias importantes é “caso de polícia.”

“Uma coisa é movimento, tem que ser respeitado, ouvido, dialogado. Outra coisa é vandalismo, é você interromper artérias importantes da cidade, tirar o direito de ir e vir das pessoas, depredar o patrimônio público que é de todos. Isso não é possível, aí é caso de polícia e a polícia tem o dever de garantir a segurança das pessoas”, declarou.

Partimos desse acontecimento pelo fato de estar nele simbolizado o desencadeamento de confrontos mais amplos que marcam as manifestações lideradas pelo Movimento Passe Livre em São Paulo, cujos efeitos puderam ser observados nos confrontos violentos entre a Polícia Militar (PM) e manifestantes, nas ruas. Ao classificar o protesto como “vandalismo”, o governador Geraldo Alckmin autoriza o tratamento do movimento como ‘caso de polícia’, justificando as estratégias violentas de enfrentamento utilizadas no combate aos manifestantes como necessárias, ainda que truculentas.

Ao fazer uma distinção entre movimento, separando-o do protesto organizado pelo MPL, que é considerado “vandalismo”, o governador desconsidera o caráter de resistência político do protesto, desqualificando-o, já que não precisa ser ouvido e nem visto enquanto movimento, podendo ser tratado como “caso de polícia”, ou seja, um caso que não exige diálogo, tolerância ou respeito.

Portanto, como nos orienta Kastruf e Barros “a realidade é feita de modos de iluminação e de regimes discursivos. O saber é a combinação dos visíveis e dizíveis de um estrato, não havendo nada antes dele, nada por debaixo dele” (2015, p. 78). O protesto é o local de visibilidade do vandalismo e ‘caso de polícia’ (depredação, o bloqueio de vias da cidade, retirada de direitos da população de ir e vir) são as formas de dizê-lo.

Nesse campo de forças, autoriza a violência institucional como forma de se garantir a segurança das pessoas. Cabe, então, à Polícia Militar (PM) os casos em que se deve usar de violência no combate à violência, sendo esta sua principal competência, seu dever, o que gera revolta dos manifestantes contra a atuação dos policiais e contra o governador.

DILMA É HOSTILIZADA PELA TORCIDA QUATRO VEZES NA ESTRÉIA DA COPA.

DE SÃO PAULO

16/06/2014 16h24 Atualizado às 18h43⁵

A presidente Dilma Rousseff e o mandatário da Fifa, Joseph Blatter, foram hostilizados na abertura da Copa, nesta quinta-feira (12), no Itaquerão. A presidente foi hostilizada quatro vezes durante o dia. Na primeira, antes da partida, os torcedores gritaram “ei, Dilma, vai

tomar no c...”, enquanto outros gritavam “ei, Fifa, vai tomar no c...”.

Os insultos verbais endereçados aos dois sujeitos, Dilma e Fifa, divulgados em cadeia mundial, na ocasião de abertura da Copa do Mundo de Futebol, produzem efeitos de rebaixamento, de humilhação e de afrontamento. Embora o xingamento seja endereçado a um sujeito específico “ei, Dilma”, trata-se de uma chefe de Estado, rebaixando a posição que a presidente ocupava, naquele momento. Não se trata, portanto, de um insulto à sua pessoa, mas, significa também um insulto direto à instituição que ela representa. Como os insultos partiram de torcedores em um estádio de futebol, tais condições criam possibilidades de se mandar uma presidente ir tomar no c..., insulto tão comum durante as partidas de futebol no país, sem se correr o risco de punições individuais. Além disso, o contexto político-econômico favorecia a emergência de tal discurso, ano de eleições presidenciais, um forte descontentamento de parte da população com o governo do PT, e a aposta na candidatura de Aécio Neves, do PSDB, para mudar o cenário político brasileiro, como vimos no início deste trabalho. Não se pode dizer qualquer coisa, em qualquer lugar, de qualquer maneira. A relação hierárquica é invisibilizada e o coro de torcedores se faz mais forte, inserido em uma relação simétrica cujo resultado é a humilhação e rebaixamento do outro.

A proliferação dos discursos de ódio está relacionada aos processos de objetivação e subjetivação que experimentamos em nosso tempo: uma agonística que alimenta e reproduz a agonia, o medo, a insegurança, a incerteza diante das mudanças (ou da permanência) da situação política do país e de seus desdobramentos na qualidade de vida das pessoas.

MANIFESTANTES QUEREM LEVAR DILMA À FORÇA, DIZ ACESSOR DO PALÁCIO
CÁTIA SEABRA
DE SÃO PAULO
14/04/2015 21H341min
Assessor especial da Secretaria Geral da Presidência, o sindicalista José Lopez disse nesta terça-feira (14) que os participantes dos protestos contra o governo querem levar à força a presidente Dilma Rousseff.

Feijó fez a afirmação ao participar do 9º Congresso Nacional dos Metalúrgicos da CUT, que conta com a presença do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Ele comentou uma foto exibida minutos antes no telão. Na imagem, bonecos de Dilma e Lula aparecem enforcados.

“É isso que os golpistas querem fazer. Querem enforcar a presidente”, discursou Feijó, listando vítimas da ditadura.

Feijó, que se apresentou como representante de Dilma, caracterizou como trincheira a luta contra o projeto que permite terceirizações, chamando de “AI-5 da classe trabalhadora”⁶.

Nesse trecho da reportagem, a expressão ‘levar à força’ tem duplo sentido: o afastamento da presidente de seu cargo, onde os manifestantes a levariam a renunciar ou exigiram o seu impedimento (a força). Estes seriam os caminhos para o enforcamento da presidente. A ameaça é a de assassinato. Nas ruas, a passagem da fala ao ato: manifestantes enforcam bonecos de Dilma e Lula. É necessário inserir a complexidade e a singularidade das manifestações no interior de processos que são históricos, econômicos, políticos, culturais, e os efeitos de verdade produzidos pelos discursos de ódio, nesse cenário, na fabricação de comportamentos, na legitimação de ideias, regras e valores que têm dado o tom de um “conflito armado”; uma trincheira de guerra entre os apoiadores do governo, de um lado, e os que protestam contra ele, de outro. Os efeitos de tais discursos provocam medo, intolerância e violência, reforçando racionalidades onde “os fins justificam os meios” no combate aos inimigos comuns: Lula e Dilma.

Os discursos de ódio não apenas traduzem uma indignação diante da suposta crise político-econômica enfrentada pelo país, ou denuncia esquemas de corrupção do governo. O próprio discurso sofre interdições por parte da sociedade, no intuito de se controlar efeitos indesejáveis: não se pode dizer qualquer coisa, de qualquer maneira, para qualquer um e, enredado nessa disputa por sua posse, o discurso é mecanismo de poder.

As manifestações são práticas de sujeitos que se recusam a ser governados de determinadas maneiras, por certos agentes, mas que, também,

Diagrama 1

Comentários de leitores
1. VÃO PRA OUTRO PAÍS E VÃO SE DANAREM, CAMBADA DE VERMES COVARDES! FORA PT! FORA DILMA! FORA HADDAD! FORA FÃS DE PT! E FORA PSDB! 2. DESAPAREÇAM PRA SEMPRE DO BRASIL, SEUS RATOS VERMELHOS DUMA FIGA! 3. É uma piada esse manifesto desses zéruelas, só mesmo quem não gosta de trabalhar. precisa ter cultura, seus analfabetos. 4. Não vai ter golpe, vai ter é justiça. Cadeia nelles. 5. Tem um pamonha que estava com cartaz pedindo o Nobel da paz para o "cara" que nas escutas manda "baixar porrada" na oposição... pensei que idiotice tinha limites, mas esses petistas se superam. 6. Engraçado dizerem que não pesa nenhuma falcatura nessa guerrilha que queria implantar com sua quadrilha de comunas o comunismo no Brasil. Toda essa desgraça na política, saúde, economia, segurança, inflação de 10% ao mês, petróleo e fica querendo defender a companheirada. Totalmente sem noção. Dá licença comunas, váo pra CUBA. Aqui no meu país não, aqui é DEMOCRACIA. 7. (...) Agora PT, nos deixe em paz! Vão embora! Não quero mais ver vocês pintados de vermelho, muito menos de amarelo e verde! Como pai de família, essa é minha opinião! 8. Quem defende o governo Dilma ou melhor o governo Lula é porque de alguma forma também está "mamando" nas tetas do PT; cidadão honesto jamais defende um governo ladrão. 9. As manifestações do PT, não são do BRASIL, pois todos são comprados, aqui no nordeste, pagaram R\$ 150,00 mais camiseta do PT na última visita do "O HONESTO" LULA. Agora sexta-feira era R\$ 30,00 mais camiseta, só sindicatos e entidades fiadas ao PT, e moradores de rua, só mamando no governo. MORO presidente! Impeachment já! Dilma, LULA e família na cadeia! Viva o BRASIL! 10. Mortadela day. Sair as ruas em manifestação pra defender ladrões corruPTos em nome da democracia ganhando R\$30,00, uma tubaina e um sanduíche. É escárnio ao povo brasileiro! 11. Colocando minha opinião sem ofensas e sem agressividade, mas tenho pena destas pessoas que não enxergam um palmo à sua frente ou, no mínimo, tem valores duvidosos por defender pessoas que indubitavelmente são culpadas da quebra da Petrobrás e consequentemente gerando a crise no Brasil. Lula e Dilma não merecerão jamais apoio de pessoas de boa índole, honestas e honradas com preceitos de moral enraizadas. Somente pessoas ignorantes (sem conhecimentos) é que apoiam pessoas que, claramente à frente da Petrobrás (como presidente do conselho administrativo e presidente do Brasil) deixaram ou impuseram um default na empresa. Triste cenário, deste tipo de manifestação de apoio, que nos faz sermos ridicularizados mundo afora. 12. Teve um camarada pró Dilma que afirmou que a Dilma tem perfil mais técnico. Como assim? Ela não sabe nem se comunicar. Está deixando o país afundar na crise. 13. Impressiona a cegueira!!! Desemprego, recessão, petrobras falida, hospitais falidos..... Populismo!!! Dão esmoa vitalícia mas não ensinam ninguém a trabalhar.... Estamos rodeado de políticos corruptos e analfabetos sem opinião !!! Uma pena!!!! 14. Pra mim, o recado é claro... Se tiver golpe vai ter sangue nas ruas. Que assim seja. 15. Já me senti como esse pessoal. Minoria, praticamente impossibilitado de manifestar a minha opinião sempre contrária à tônica esquerdopata reinante. O Ocaso petista está aí, quer vcs queiram ou não. O processo de desinformação gerenciado por vocês já não surte o efeito que vcs imaginam. Já deu, PT 16. Os sindicatos gastou todo o dinheiro do trabalhador pra dar pão com salsicha DAGRANJA, pra essa corja de vagabundos, os brasileiros fizeram o MAIOR PROTESTOS EM TODO MUNDO EM UM DIA DE DOMINGO os salsicheiros vão em uma sexta feira, aí patrões se algum faltou no serviço bota na rua que o LULA sustenta kkkkkkkk, bolsa esmola, meia duzia de gato pingado, lotaram os ônibus nas periferias deram um copo de suco que só era água, e acham que sabem fazer protesto, o Rabujento vai logo é pra cadeia seus trouxas. 17. Tá aí a resposta do POVO!!! seus pestes! 18. A direita corrupta (pleonismo) mostra quem é e o que quer: No protesto dessa gente (ou diria, gentinha) NINGUÉM do PT foi para a Paulista incomodar. Mas a gentinha é assim mesmo: Respeito à democracia ZERO. BADERNEIROS 19. Também sou contra o "golpe"!!! Sou a favor da justiça e nesse momento isso significa impeachment da anta e prisão dos corruptos. E ainda tem bandido já preso que se declara um "homem" de caráter e por isso não fará delações premiadas... Quase impossível acreditar que tem gente que apoia isso... 20. Tendo em conta algumas das características de psicopatas, como a capacidade de manipulação e de conquistarem facilmente a simpatia das pessoas incautas, muitas vezes ocupam cargos relevantes onde exercem poder. 21. Lula é uma farsa, uma aberração, um psicopata...e vamos nos livrar dele...podem se acostumar com a idéia. 22. Estamos à deriva. É lamentável... Bando de safados, ladrões... 23. Parabéns...a corrupção esta se comportando como um Lobo disfarçado de ovelha.....QUANTA MALDIÇÃO.....

Fonte: Elaboração própria.

produzem em seu movimento de resistência, uma multiplicidade de racionalidades, de regras, de práticas discursivas e não discursivas, e vice-versa. Há, nesse movimento bélico, um jogo de elementos que buscam permanência e visibilidade, e há relações de poder que se tornam dizíveis através dos saberes produzidos. Um dos efeitos da relação poder/saber/verdade sobre os manifestantes brasileiros será a fabricação de um sujeito subjetivado a partir do posicionamento político

que ocupa e das opiniões que expressa no espaço público. Um sujeito que recusa ser governado pelo atual governo e um sujeito que não admite outras formas de governo que não a atual.

Os manifestantes justificam seus discursos odiosos, a morte de Dilma e Lula, ao atribuir a eles a culpa pela sua crise (política, econômica, de valores, de estilos de vida), e exigem uma nova forma de tutela que possa gerenciar seus medos, sua ansiedade,

sua depressão. Diante da descridibilidade do atual estado, tal tutela deve criar formas de existência totalmente administradas na/pela violência. As tensões nesse campo de lutas estabelecem fronteiras entre os manifestantes, criam convenções e orientam condutas em termos do que se espera de um cidadão que verdadeiramente defende seu país, potencializando o ódio e o desprezo endereçados àqueles que deveriam ser excluídos do convívio social, levados à força ou favorecendo políticas, como a da terceirização, que produziria os mesmos efeitos de um AI-5 para a classe trabalhadora.

Na matéria MANIFESTANTES PRÓ-GOVERNO LEVAM MILHARES ÀS RUAS DE TODO O PAÍS, divulgada pela UOL NOTÍCIAS⁷, em São Paulo, no dia 18 de março de 2016, dos 85 comentários sobre a reportagem feitos pelos leitores, selecionamos 23 tendo como critério os discursos de ódio destes comentários, como mostra o Diagrama 1.

Os discursos de ódio produzem estereótipos que classificam o outro que não pertence à mesma classe socioeconômica, que não possui a mesma orientação sexual, o mesmo posicionamento político, a mesma cor de pele, as mesmas condições de vida, por exemplo, como sendo estranho e, portanto, perigoso. Os efeitos do medo desse outro estranho, que possui posicionamentos políticos, partidários e ideológicos diferentes, no caso os manifestantes que apoiam o governo de Dilma e do PT, vão desde a deportação de Dilma e Lula para outro país à evitação de encontros públicos com pessoas que os apoiam, como a cadeia, o que podemos observar nos comentários 1, 2, 6, 7, 9, 16. Vimos que, nos protestos, usar roupas verde-amarelas ou vermelhas diz de que lado os manifestantes estão e conseqüentemente quem são eles (coxinhas ou petralhas) no jogo de poder. Criou-se uma estilística de ser o “verdadeiro militante do país”. Não é mais possível protestar lado a lado com seu inimigo, e a convivência pacífica teria que acabar. Os efeitos produzidos neste cenário são expressados no depoimento 2 (SEUS RATOS VERMELHOS DUMA FIGA!)

Outros elementos dos discursos de ódio presentes nos comentários associam as identidades de Lula e Dilma às figuras de animais que representam no imaginário social asco e nojo, de imbecilidade e

ignorância, como vermes, ratos e anta (comentários 1, 2 e 19).

A definição de si-mesmo por oposição às crenças e valores que são forjadas do outro é internalizada em contraposição ao que esse outro é – zé ruela, pamonha, idiota, comuna, analfabeto, preguiçoso, corja, peste, vagabundo, gentalha, baderneiro, safado, ladrão, corrupto, alienado, anta, ignorante, operações de objetivação que concorrem para a subjetivação desse sujeito que é objetivado por aqueles que não o reconhecem como semelhantes, ao mesmo tempo em que se constituem ao dizer uma verdade sobre eles-mesmos – democratas, pais de família, cidadão honesto, pessoas de boa índole, honestas e honradas com preceitos de moral enraizadas, que se sentem ridicularizadas mundo afora, como podemos observar nos comentários feitos pelos leitores. Os discursos desses sujeitos, suas vontades de verdade, manifestam saberes sobre o que é o cidadão brasileiro honesto e trabalhador, comprometido com sua comunidade, de como uma sociedade deve organizar-se, como distribuir sua população no tempo e no espaço, sobre como se definir e definir seus adversários, e onde se pode localizar os perigos possíveis.

Aqui, observa-se uma articulação necessária entre o linguístico e o histórico, já que os sentidos produzidos pelos sujeitos discursivos devem ser analisados a partir de uma interdiscursividade dos enunciados que se materializam na língua(gem). Os discursos de ódio dispõem de inúmeros elementos em jogo: costumes, leis, instituições, palavras, normas, saberes, o que nos possibilita analisar a violência enquanto dispositivo que surge em um determinado momento histórico como resposta a uma urgência, a crise político-econômica brasileira.

Além da criminalização dos representantes do PT vemos, também, sua patologização: esquerdopata, aberração, psicopatas. A produção de subjetividades fascitoides que alimentam uma cultura da violência, da intolerância, do ódio e do preconceito na busca de se garantir espaços de liberdade. Sobre esse assunto, Fernandes (2016), nos mostra que:

São as práticas discursivas de um dado momento histórico que apagam, constroem, legitimam ou dão visibilidades a dados

saberes construídos. Vivemos em uma sociedade em movimento, cujas constantes mudanças promovem a constituição de sujeitos que buscam se constituir nesse contexto. Mudanças que geram medo, insegurança, para citar esses exemplos, que, por correspondência, estão vinculados a um paradoxo atual: o desejo de segurança e o exercício de liberdade (Fernandes, 2016, p. 212).

5. Resultados

Ao traçarmos os diagramas que vão se emaranhando no dispositivo, vemos que os contornos iniciais de suas linhas nos direcionam aos discursos que surgem nas chamadas 'jornadas de junho' de 2013, configurando-se em consonância com elementos sócio-históricos na tentativa de se responder a uma demanda do nosso tempo, ou seja: quais seriam as alternativas possíveis para o enfrentamento da suposta crise vivenciada no Brasil.

Os discursos que circulam sobre o cenário político-econômico brasileiro – especialmente os discursos produzidos e propagados nas manifestações de rua – não são produtos do acaso. Vimos como algumas urgências possibilitaram a produção e a circulação de uma pluralidade de discursos, inclusive os discursos de ódio, uma das engrenagens do dispositivo da violência. Tais discursos produzem novas estéticas de existência; uma nova realidade de ser-estar no atual cenário brasileiro, marcando as identidades daqueles que protestam.

Refletindo sobre a constituição de um dispositivo, em uma dada época, vemos que as demandas históricas necessitam de respostas, e que o "discurso do momento" inaugura um campo de relações de força colocadas em jogo no domínio dos saberes sobre a atual conjuntura política do país, sobre a legitimidade de seus representantes, sobre a economia, o setor de comunicação nacional, sobre as manifestações e sobre quem é esse sujeito que se manifesta e quais são suas reais demandas.

A violência, enquanto dispositivo, nos aprisiona e nos reprime apesar do poder, embora não se descarte a vontade de poder dos grupos. Os

discursos são resistências do seu tempo, mas, há resistências e resistências segundo códigos socialmente aceitos e compartilhados. Em defesa de uma suposta democracia, os discursos de ódio nos deixaram mais expostos à violência, ao autoritarismo, à intolerância. O dispositivo da violência não é o avesso da democracia; ele faz parte do seu funcionamento à medida que a sustenta e a legitima.

Aparentemente incoerentes com o espaço democrático, pois são expressões de práticas de liberdade que reclamam por violência e por autoritarismo, os discursos de ódio se tornaram, assim, uma das estratégias necessárias para a garantia de uma sociedade "justa", uma urgência para se "mudar o país", para se normalizar condutas, para se afirmar regras e padrões de comportamentos dos "honráveis brasileiros de bem", como discutimos ao longo deste texto.

Embora a violência atravessasse todas as manifestações, sua configuração vai se modificando ao longo do tempo. Da violência nua e crua dos primeiros atos (confrontos entre manifestantes e policiais, vandalismo, criminalização dos movimentos, prisão de pessoas, depredação de patrimônio público), à construção da figura do "inimigo comum" (militantes e políticos) que se deveria combater, nas manifestações seguintes, tão visíveis nos discursos de ódio dos manifestantes, em 2015 e 2016. É pela materialidade desses discursos que acreditamos ser possível cartografar a existência de um dispositivo da violência, num jogo complexo de redes e de componentes discursivos que constituem saberes sobre as manifestações e sobre os manifestantes.

Pensar o dispositivo da violência através dos discursos de ódio produzidos nas manifestações requer uma análise que, antes de tudo, não privilegie o ato político de maneira isolada, mas que viabilize a conexão entre os modos de subjetivação, as práticas discursivas e não discursivas, e as técnicas que são utilizadas para prescrever, sujeitar e modelar as condutas dos outros. Sujeito, saber e poder devem ser considerados de forma amalgamada.

Toda época tem seus jogos de verdade que nos leva a pensarmos sobre nossa própria história e

sobre nossa construção, enquanto sujeitos. Acionar o conceito de dispositivo da violência é uma tentativa de ruptura, de transgressão em direção a novos modos de subjetivação e de objetivação do sujeito; é a possibilidade de deslizamento de discursos de vontade de verdade que alocam a violência em algum lugar – na sociedade ou no interior das pessoas – para compreender que a violência tem sua própria história e, portanto, o que nos parece evidente é fabricado em determinada época, e pode ser assim, transformado.

NOTAS

¹ O MPL é um movimento social apartidário, mas não anti-partidário, horizontal, autônomo e independente, que luta por um transporte público gratuito para a população e fora da iniciativa privada. Tais informações estão disponibilizadas no site [www.tarifazero.org/mpl].

² A Proposta de Emenda Constitucional 37/2011 (PEC 37) atribui poder exclusivo às polícias civil e federal para realizar investigações criminais, retirando essa possibilidade do Ministério Público.

³ Trata-se de parte da pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/Minas).

⁴ Recuperado de [http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/protesto-contratarifa-tem-confronto-depredacoes-e-detidos-em-sp.html]. Consultado [26-09-2017].

⁵ Recuperado de [http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1469313-blatter-e-dilma-sao-hostilizados-dentro-do-itaqueroa.shtml]. Consultado [28-09-2017].

⁶ AI-5: Ato Institucional nº 5, de 1968.

⁷ Recuperado de [https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/03/18/manifestacoes-pro-governo-acontecem-em-24-estados-e-distrito-federal.htm]. Consultado [02-10-2017].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brugnano, F. & Chaia, V. (2015). A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. *Aurora revista de arte, mídia e política*, 7(21), 99-129.

Deleuze, G. (s/d). *O que é um dispositivo* (W. F. do Nascimento, Trad.). Recuperado de [http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-que-e-um-dispositivo]. Consultado [20.03.2015].

Duarte, K. R. (2006). *Violência à flor da página: as narrativas construídas pela revista VEJA sobre o caso "Maníaco do Parque"*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Fernandes, A. J. (2016). Discursos sobre a felicidade em práticas discursivas contemporâneas. In K. M. Souza & H. P. Paixão. *Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade*. São Paulo: Ed. Intermeios.

Filho, K. P. & Teti, M. M. (2013). *A cartografia como método para as ciências humanas e sociais*. Barbaró, Santa Cruz do Sul, 38, 45-59.

Foucault, M. (1979). *Sobre a História da Sexualidade*. São Paulo: Graal.

Foucault, M. (2003). Poder e saber. In *Ditos e Escritos IV – Estratégia, Poder e Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Franceschini, B. (2017). *Cartografias do discurso: a constituição de um dispositivo de TDHA*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

Kastrup, V., Passos, E. & Escóssia, L. (2015). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

Sargentini, V. M. O. (2016) Dispositivo: um aporte metodológico para o estudo do discurso. In K. M. Souza & H. P. Paixão. *Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade*. São Paulo: Ed. Intermeios.

Sousa, J. (2016). *A radiografia do golpe: entende como e por que você foi enganado*. Rio de Janeiro: LeYa.

Sousa, K. M. (2014). Dispositivo de segurança nos discursos do cotidiano urbano: o jogo entre medo e bem-estar. In A. Fernandes & K. M. Souza. *Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade*. Goiânia: CEGRAF/UFG.

Teles, E. (2014). Democracia de efeito moral. Movimentos sociais e governabilidades em conflito. In N. Avelino & S. Vaccaro. *Governamentalidade Segurança*. São Paulo: Intermeios.